

Modernidade e formação do *ethos* latinoamericano: reflexões a partir de Max Weber e Sérgio Buarque de Holanda

Debate o discusión en teoria social
GT 17 - Pensamento latino-americano e teoria social

Alonso Bezerra de Carvalho
Fabiola Colombani

Resumo

O trabalho pretende refletir sobre a formação do *ethos* latino-americano a partir do diagnóstico que Max Weber faz do mundo moderno e do processo de racionalização ocorrido no Ocidente, visto por ele como elemento central do que é comumente definido como modernidade. Para tanto, recorreremos a dois textos essenciais para essa reflexão. De Weber, partiremos daquele que é tomado como o texto de suma importância nesse debate: *A ética protestante e o 'espírito' do capitalismo*. Na perspectiva de expor uma proximidade ou distanciamento do pensamento Weberiano, tomaremos o livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, que procura também fazer um diagnóstico da cultura brasileira e, por extensão, do processo de formação do *ethos* latino-americano.

Palavras-chaves: modernidade, cultura ocidental, *ethos* latino-americano.

Introdução

Considerado um autor clássico de maior atualidade, a interpretação de Max Weber sobre o mundo ocidental traz às nossas reflexões temas os mais diversos – econômico, moral, religioso, político ou social, filosófico -, influenciando sobremaneira as nossas ideias e as práticas. Preocupado em compreender as ações e os valores do homem moderno, Weber entra em sintonia e se torna sensível aos dilemas que nos afligem. Dito de outro modo, ao diagnosticar o processo de racionalização ocorrido no Ocidente, visto por ele como elemento central do que é comumente definido como modernidade, nos revela a possibilidade de ampliar o nosso entendimento sobre qual o sentido, o significado e o papel que devemos cumprir em relação a nós mesmos e aos outros, também aqui na América Latina.

Dois textos consideramos essenciais para essa reflexão. De Weber, partiremos daquele que é tomado como o texto de suma importância nesse debate: *A ética protestante e o 'espírito' do capitalismo*. E na perspectiva de expor uma proximidade ou distanciamento do pensamento Weberiano, tomaremos o livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, que procura também fazer um diagnóstico da cultura brasileira e, por extensão, do processo de formação do *ethos* latinoamericano. No seu texto, Holanda considera que estaríamos distantes de um processo que Weber viria chamar de *desencantamento do mundo*, fator preponderante entre os protestantes. Seríamos apegados aos encantos, ao personalismo e ao naturalismo misterioso da existência. Acreditariamos na possibilidade de compromissos que suprimem as tensões nas relações sociais, sendo que no mundo desencantado, haveria uma infinidade de pontos de vista, perspectivas, sem que nenhum deles pudesse ser considerado como definitivo e sem que a vida adquirisse um sentido universal a partir dele. Neste mundo, moderno segundo Weber, os homens estariam solitários, com um grande vazio na alma, submetidos ao cálculo e ao controle, resultado da instauração de uma racionalidade no campo da vida sócio-cultural, em que a ciência, a educação, a moral, a arte, a política e a economia adquirem leis

próprias, tornando-se justificadas por uma razão que perdeu o caráter de universalidade. Essa situação teria feito com que a existência humana perdesse aquele sentido teleológico e coletivo e que orientava indistintamente todas as condutas. As condições modernas, nos termos que Weber entende, teriam trazido também a possibilidade da perda de liberdade, em que a organização racional do trabalho, a burocratização, o progresso técnico-econômico, poderia até nos levar a uma configuração social que aprisiona o homem numa “gaiola dura como aço” (*stahlhartes Gehäuse*). A ascese, característica marcante do *ethos* protestante, orientava todo o seu vigor principalmente contra uma atitude: a de desfrutar espontaneamente a vida e tudo o que ela tem para nos oferecer. Ou seja, os bens culturais produzidos não podem ser objetos de prazer, o que exigiria certo controle das emoções, de forma que propiciasse ao homem atingir, num futuro incerto, a sua realização, ou seja, ser um dos eleitos. Na análise de Holanda, o Brasil e os povos latinos, por influência do catolicismo, teriam características diferentes, mais voltadas a um grau de intimidade quase desrespeitosa, suprimindo as distâncias, e que deve parecer estranho às condutas verdadeiramente racionais. Abrandando o rigorismo, o nosso ritualismo exagerado nos leva a criar e estabelecer ações sociais mais afetivas, do que pautadas em uma racionalidade metódica e ascética, como Weber diagnosticara entre os protestantes.

A ética protestante, a modernidade e o processo de racionalização

No livro *A ética protestante e o 'espírito' do capitalismo*, Weber procura compreender sociologicamente como se formou o mundo ocidental moderno, a partir de uma situação bastante singular e específica, ou seja, a ascese protestante e o processo de racionalização da vida. A especificidade do capitalismo ocidental, que é o seu traço decisivo, e que responde à pergunta que Weber faz no início d'*A ética protestante e o espírito do capitalismo*, está na criação de uma organização racional do trabalho, que não teria existido em nenhum outro lugar. O comércio, o financiamento de guerras, o suprimento ao Estado, a arrecadação de impostos e a alocação de cargos, a organização escolar, a pesquisa científica, etc., mesmo existindo rudimentarmente por toda parte e em todos os tempos e nas mais diversas épocas e culturas, neles estariam faltando algo que é peculiar ao mundo ocidental - a organização racional do trabalho.

Enfim, segundo Weber, somente no Ocidente conhecemos um *Estado no sentido moderno*, com constituição estatuída, funcionários especializados e direitos de cidadão. Somente no Ocidente encontramos um *direito racional*, criado por juristas e racionalmente interpretado e aplicado. Somente no Ocidente temos o conceito de *cidadão*, porque também somente nele existem *idades* no sentido específico da palavra. Não obstante a teologia, a filosofia e a reflexão sobre os problemas últimos da vida terem sido conhecidas também dos chineses e dos indianos, talvez até numa profundidade nunca alcançada pelos europeus, somente o Ocidente possuiria uma *ciência no sentido atual da palavra* - uma ciência racional - e, com esta, uma *técnica racional*. A cultura ocidental distingue-se de todas as outras também pela existência de homens com uma *ética racional na conduta da vida*. Magia e religião encontram-se por toda parte. Porém, um fundamento religioso da conduta da vida, que por sua coerência interna conduzisse a um racionalismo específico, seria algo peculiar do Ocidente (Wolfgang Schluchter, In: Cohn, 1990, p. 231-2).

Segundo a compreensão de Weber, esse processo de racionalização do mundo ocidental inclui também a racionalização do *estilo de vida* do homem, de sua conduta ética. A ética protestante teria preparado a instauração da vida racionalizada, trazendo os rigores da ascese para os costumes do mundo. O racionalismo econômico, como característica central do desenvolvimento do Ocidente, teria sofrido uma influência do *ethos* racional da conduta da vida existente nas concepções protestantes, contribuindo significativamente para aquela concatenação de circunstâncias à qual se deve a cultura moderna.

No texto *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, ele diz que ao observar “os líderes do mundo dos negócios e os proprietários do capital, assim como dos níveis mais altos da mão-de-obra qualificada, principalmente o pessoal técnica e comercialmente especializado das modernas empresas, percebeu que são preponderantemente protestantes.” (Weber, 1967, p. 19). Segundo ele, são as condições econômicas, como a “posse prévia de capital” e “uma educação dispendiosa”, que fez com que os homens aderissem a uma nova filiação religiosa, a protestante, emancipando-se do “tradicionalismo econômico”, baseado no respeito à tradição religiosa e às autoridades políticas e eclesiásticas. Essa emancipação significou que o domínio da Igreja Católica fora substituído por uma nova forma de controle, uma nova maneira de pensar e de agir - a calvinista, principalmente.

Além do fato de serem herdeiros de uma maior riqueza material, os protestantes tinham uma educação diametralmente oposta à dos católicos, tanto no aspecto qualitativo como no quantitativo, o que favorecia o interesse pelos empreendimentos capitalistas. Enquanto a educação católica estaria voltada para os estudos humanísticos, prevalecia no protestantismo os estudos direcionados para trabalhos técnicos e especializados. “Seus membros mais capazes ansiavam por ver reconhecidas as suas habilidades no campo das atividades econômicas”, adotando uma conduta específica que tendia para o racionalismo, fato “que não pode ser observado entre os católicos.” (Weber, 1967, p. 22). Essas condições favoreciam o surgimento de um espírito capitalista como resultado da relação entre uma filosofia religiosa da vida com o mais intenso desenvolvimento da mentalidade comercial. É nesse contexto que Weber procurará compreender com clareza a relação entre as características puramente religiosas e a moderna cultura capitalista.

Esse espírito capitalista nascente pode ser entendido como aquilo que se encontra nas sentenças de Benjamim Franklin, algo, segundo Weber, que está dotado de um aspecto até irracional. Nelas é dito que “*tempo é dinheiro*”, “*crédito é dinheiro*”, “o dinheiro pode gerar dinheiro e seu produto pode gerar mais, e assim por diante” e “aquele que mata uma porca prenhe destrói toda uma prole até a milésima geração”.

O *summum bonum* desta ‘ética’, a obtenção de mais e mais dinheiro, combinada com o estrito afastamento de todo gozo espontâneo da vida é, acima de tudo, completamente destituída de qualquer caráter eudemonista ou mesmo hedonista, pois é pensado tão puramente como uma finalidade em si, que chega a parecer algo de superior à ‘felicidade’ ou ‘utilidade’ do indivíduo, de qualquer forma algo de totalmente transcendental e simplesmente irracional. O homem é dominado pela produção de dinheiro, pela aquisição encarada como finalidade última de sua vida (...) Ganhar dinheiro dentro da ordem econômica moderna é, enquanto for feito legalmente, o resultado e a expressão de virtude e de eficiência em uma vocação. (Weber, 1967, pp. 33).

Entretanto, cabe ressaltar, que a ética dos movimentos religiosos protestantes não pode ser de maneira alguma interpretada como a causa principal e necessária do que se convencionou chamar espírito do capitalismo. “Os resultados culturais da Reforma foram em boa parte *consequências imprevistas*, e por isso mesmo não desejadas, do trabalho dos reformadores, muitas vezes bastante divergentes, e até opostas ao que eles realmente desejavam.” (Weber, 1967, pp. 60-1). Os processos de modernização (ou os processos de racionalização, de desencantamento ou de diferenciação - todos estes termos podem quase sempre ser substituídos um pelo outro) não são resultados de um processo histórico intencional, iniciados por motivos revolucionários e nem provocado voluntária e conscientemente.

Este processo caracteriza-se por uma ‘dialética’, que basicamente consiste no fato de que aquilo que na sua gênese apoiou-se em determinado *ethos*, em determinado modelo cultural, continua a desenvolver-se independentemente da presença dessas

condições éticas desencadeadoras, e no decorrer do tempo passa a dirigir-se contra as condições de sua gênese. O resultado não corresponde a uma intenção, mas o processo é indiretamente possibilitado por certa atitude moral, e esta desaparece no decorrer do processo. (Claus Offe In: Cohn, 1990, p. 233).

Deste modo, o *ethos* protestante não pode ser considerado como a única, mas *uma* das fontes do processo de racionalização da vida que contribuiu para formar o que Weber chama de espírito do capitalismo. Se a doutrina da predestinação calvinista, por exemplo, adquiriu uma relativa importância no processo de constituição do capitalismo moderno, tornando-se uma das causas de tal processo histórico, estaríamos condenados ao fracasso se adotássemos essa causa como única e necessária.

A doutrina da predestinação tem a seguinte máxima como seu corolário principal: “por decreto de Deus, para manifestação de sua glória, alguns homens e anjos são predestinados à vida eterna e outros à morte”. Em outras palavras, “Deus não existe para os homens, mas estes por causa de Deus”, isto é, os desígnios divinos somente podem ser entendidos, e mesmo conhecidos, por nós, na medida que seja de Seu agrado nô-los revelar. “O significado de nosso individual está envolto em tenebroso mistério, cuja penetração seria impossível e cujo questionamento seria presunçoso”. Nesse *decretum horribile*, a graça de Deus, uma vez que seus desígnios não podem mudar, é tão impossível de ser perdida por aqueles a quem Ele a concedeu como é inatingível para aqueles aos quais Ele a negou. A consequência de tal decreto seria o “sentimento de uma inacreditável solidão interna do indivíduo”, que a despeito de sua salvação eterna, garantida que estava pela compreensão do Pai Celestial do Novo Testamento, que se alegra com o arrependimento de um pecador, está condenado a seguir sozinho “seu caminho ao encontro de um destino que lhe fora designado na eternidade”. O lugar daquele Pai Supremo teria sido ocupado por um ser transcendente, situado para além do alcance do entendimento humano e que, traçando o destino de cada um, teria regulado nos mínimos detalhes o “cosmos da eternidade.” (Weber, 1967, pp. 68 e segs).

Para Weber, encontramos aqui a diferença fundamental e decisiva entre o calvinismo e o catolicismo. Na concepção calvinista, haveria uma completa eliminação da salvação do indivíduo através da Igreja e dos Sacramentos, como acreditava a concepção católica. Ninguém poderia ajudá-lo - “nenhuma Igreja, nenhum sacerdote, nenhum sacramento e, finalmente, nenhum Deus” - o que significa, definitivamente, o desencantamento da moral religiosa.

Aquele grande progresso histórico-religioso de eliminação da magia do mundo (*Entzauberung der Welt*), que começara com os velhos profetas hebreus e conjuntamente com o pensamento científico helenístico, repudiando todos os meios mágicos de salvação como superstição e pecado, chega aqui à sua conclusão lógica. (Weber, 1967, p. 72).

Portanto, a importância que os movimentos religiosos protestantes tiveram no desenvolvimento da moderna cultura secular foi propiciada pela mais radical desvalorização de todos os sacramentos como meios de salvação, realizando assim, até as suas últimas consequências, a desmistificação religiosa do mundo. Inclusive os sinais de cerimônia religiosa na sepultura era rejeitados. Vida e morte foram dessacralizadas. Segundo Weber, esses movimentos tinham a peculiaridade de formarem comunidades que desejavam ser “puras”, repudiando sinceramente o mundo, submetendo-se incondicionalmente a Deus, “que nos fala através da consciência”. Isto é, “apesar da necessidade do indivíduo participar da verdadeira Igreja para a salvação, o intercâmbio com seu Deus era desenvolvido em um profundo isolamento espiritual.” (Weber, 1967, p.74) Weber anota que “este é um fato de especial importância para a interpretação das bases psicológicas das organizações sociais calvinistas. Todas repousam em motivos racionais espiritualmente individualísticos. O indivíduo nunca ingressa

nelas emocionalmente. A glória de Deus e a salvação de cada um permanecem acima do limiar da consciência.” (Weber, 1967, p. 208, nota 28)

A conduta do homem predestinado baseia-se na “espera” pela ação do Espírito, espera esta que tinha a finalidade de superar o caráter “impulsivo e irracional das paixões e dos interesses subjetivos do homem ‘natural’”. Ele deveria calar-se a fim de conseguir aquela profunda tranquilidade de alma que é a única em que pode ser ouvida a palavra de Deus. Esse silêncio do homem, à espera da fala de Deus, fizera com que surgisse uma conduta que afetou a vida profissional, propiciando uma *educação* para a tranqüila ponderação dos negócios e para a orientação destes em termos de cuidados e justificação da consciência individual, adotando uma conduta, tranqüila, moderada e eminentemente conscienciosa. “A eliminação da magia do mundo não permitiu nenhum outro curso psicológico, que não a prática do ascetismo laico. Uma vez que estas comunidades nada queriam ter que ver com os poderes políticos e com seu procedimento, disto resultou visivelmente a penetração desta moral ascética na vida profissional.” (Weber, 1967, p. 106)

Essa maneira de pensar e ver o mundo fez com que o indivíduo agisse buscando a salvação, onde a fê tinha de ser provada por seus resultados objetivos, a fim de proporcionar uma base segura para a *certitudo salutis* - a certeza de ter obtido a graça, ter sido um dos eleitos. Em outras palavras, “a fim de alcançar aquela autoconfiança, uma intensa atividade profissional era recomendada, como o meio mais adequado. Ela, e apenas ela, afugenta as dúvidas religiosas e dá a certeza da graça”. Weber denomina essa ideia de vocação para a salvação como *fides efficax* e esta só a tem aquele que for um dos eleitos. Essa *fides efficax*, um tipo de conduta cristã para aumentar a glória de Deus, exige que o indivíduo prove a sua fê na atividade secular - “que Deus ajuda quem se ajuda”, o que exige um “sistemático autocontrole que a qualquer momento se via ante a inexorável alternativa: escolhido ou condenado?” (Weber, 1967, pp. 78-9). Nisso está sua diferença em relação ao catolicismo.

Para Weber, enquanto a ética protestante pregava que as obras como dever profissional eram importantes para o êxito salvífico, no catolicismo, apegado ainda às obrigações tradicionais, suas ‘boas obras’, ainda que com objetivo também salvífico, não formavam um sistema de vida integrado, racionalizado, mas permaneciam muito mais uma sucessão de atos isolados - os católicos não levaram tão longe quanto os puritanos o racionalismo do mundo, a eliminação da magia, como meio de salvação. O Deus dos calvinistas requeria de seus fiéis, não apenas ‘boas obras’ isoladas, mas uma santificação pelas obras, coordenada em um sistema unificado. Fundamentada num método consistente e consciente, a vida do homem protestante passa a ser completamente racionalizada e dominada pela finalidade de aumentar a glória de Deus na terra. “Somente uma vida guiada por uma reflexão contínua poderia obter vitória sobre o estado de natureza. O *Cogito, ergo sum* de Descartes foi adotado pelos puritanos contemporâneos com esta reinterpretação ética.” (Weber, 1967, p. 81-2).

Tendo em vista que essa conduta racional da vida protestante teria se desenvolvido desde longa data, Weber vai buscar no ambiente do ascetismo cristão monástico a sua origem. O monasticismo estruturou um método sistemático de conduta racional com a finalidade de superar o *status naturae*, isto é, de liberar o homem do poder de impulsos irracionais e de sua dependência do mundo e da natureza, mantendo suas ações sob constante autocontrole. Os reformadores protestantes teriam retirado dos mosteiros o ascetismo racional cristão e seus hábitos, colocando-os a serviço da vida ativa do mundo. “O calvinismo substitui a aristocracia espiritual dos monges, alheia e superior ao mundo, pela aristocracia espiritual dos predestinados santos de Deus, integrados no mundo.” (Weber, 1967, p. 85). A conduta ética sistematizada, metodicamente racionalizada, teria influenciado o planejamento racional de toda a vida do indivíduo. Esta racionalização expressa a consequência que o conceito de vocação adquiriu no protestantismo ascético.

Desse modo, vê-se que na compreensão Weberiana a ideia de vocação, ao adquirir um significado secular, influenciou o desenvolvimento da vida cultural moderna. Esse significado se revela com maior clareza quando Weber apresenta a discussão sobre a riqueza e seu processo de aquisição.

A riqueza é condenável eticamente, só na medida em que constitui uma tentação para a vadiagem e para o aproveitamento pecaminoso da vida. Sua aquisição é má somente quando é feita com o propósito de uma vida posterior mais feliz e sem preocupações. Mas, como empreendimento de um *dever vocacional*, ela não é apenas moralmente permissível, como diretamente recomendada. (Weber, 1967, p. 111).

Dito de outra maneira, aqueles que querem apenas o gozo da riqueza e, conseqüentemente, o ócio, a sensualidade e o perigo do relaxamento, estão como que contrariando a vontade divina. O homem, nesta terra, deve “trabalhar o dia todo em favor do que lhe foi destinado”, ou seja, aumentar a glória de Deus. A perda de tempo com o luxo, o sono, as conversas ociosas, o esporte, etc., seria o primeiro e o principal de todos os pecados, pois toda hora perdida redundaria numa perda de trabalho para a glorificação de Deus. “O trabalho é o velho e experimentado instrumento ascético, que previne o homem das tentações, inclusive as sexuais, que devem estar voltadas para o mandamento ‘crescei e multiplicai-vos’.” (Weber, 1967, p. 113). Contra todas as tentações é prescrito: “trabalha energicamente em tua vocação”. A falta de vontade de trabalhar seria, nesse caso, um sintoma da ausência do estado de graça. O trabalho passa a ser a única maneira de o indivíduo se certificar de que é um dos eleitos de Deus.

Portanto, na medida em que o homem dedica-se à sua vocação ocorre, pelo menos indiretamente, um processo de especialização, de diferenciação de suas ações, de divisão do trabalho, possibilitando o desenvolvimento das habilidades do trabalhador, levando a produções quantitativas e qualitativas. “Fora de uma vocação bem sucedida, as realizações do homem são apenas casuais e irregulares, e ele gasta mais tempo na vadiagem do que no trabalho, permanecendo numa contínua confusão, não conhecendo nem tempo nem lugar”, sendo que “o trabalhador especializado efetuará seu trabalho ordenadamente, (...) razão pela qual ter um ofício certo é o melhor para todos”(Weber, 1967, p. 115).

A nós nos parece que o diagnóstico Weberiano sobre o mundo ocidental moderno nos abre a possibilidade de lançar um outro olhar sobre a constituição da cultura latino-americana, não apenas do ponto de econômico e político, mas, sobretudo o processo de formação do nosso *ethos*, isto é, a nossa maneira de ser e de agir. É o que faremos a seguir.

A formação do *ethos* latinoamericano: a experiência brasileira

Escrito na década de 1930, o livro *Raízes do Brasil* diagnostica que a tentativa de implantação da cultura europeia no Brasil, é o fato dominante e mais rico em conseqüências. A primeira delas, tratar-se-ia do nosso caráter de desterrados em nossa própria terra, visto que o que somos parece participar de um sistema de evolução de outro clima e de outra paisagem. A herança ibérica é a marca distintiva e significativa desse movimento: sob a influência da Espanha e Portugal desenvolvemos a cultura da personalidade, em que cada um se vê como se fosse filho de si mesmo, de seu esforço próprio, de suas virtudes¹. O mérito pessoal, quando fundado em tais virtudes, teve sempre importância ponderável. Desse modo de ser teria resultado a nossa singular tibieza das formas de organização, como que uma frouxidão da estrutura coletiva, levando ao que Holanda chama de uma “falta de coesão na vida social”.

Essa mentalidade se tornaria o maior óbice a um espírito de organização metódica, tão característica de povos protestantes, sobretudo de calvinistas. A falta de uma racionalização da vida teria proporcionado uma postura diametralmente oposta àqueles povos, sobretudo no que se refere a

¹ E representativo, nesse aspecto, o valor que é sempre dado às Grandes Navegações, apresentadas como um ato heróico e apaixonado, que tinha a finalidade de conquistar novas terras e novas gentes.

uma ética do trabalho: “o ócio importa mais do que o negócio.” (Holanda, 1997, p. 37-8). Assim, dois princípios, ou melhor, duas tipologias, teriam se destacado e regulado diversamente as ações dos homens: o tipo aventureiro e o do trabalhador. Na *ética da aventura*, as energias e os esforços se dirigem a uma recompensa imediata, à estabilidade, à paz, à segurança pessoal, predominando a audácia, a imprevidência, a irresponsabilidade, a instabilidade, enfim, tudo quanto se relacione com a concepção *espaçosa* do mundo. Os segundos, isto é, o trabalhador, enxerga primeiro a dificuldade a vencer, medindo todas as possibilidades de desperdício e de saber tirar o máximo proveito do insignificante. Seu campo visual é naturalmente restrito. A sua ética, do trabalho, tem como valor moral as ações que sente ânimo de praticar.

Portanto, se a riqueza era uma paixão que despertava os colonizadores, ela deveria vir, para eles, não pelo trabalho e por um empreendimento planejado e racional, por uma vontade construtora e enérgica, mas antes com desleixo e certo abandono, puramente pela ousadia. Holanda cita o caso dos mutirões, que como forma de atividade coletiva, se davam mais “pelo espírito da *caninha* do que do amor ao trabalho”, e não em alguma tendência para a cooperação disciplinada e constante. Entre nós, o domínio europeu teria sido “brando e mole”, menos obediente a regras; eram homens que sabiam repetir o que estava feito ou o que lhes ensinara a rotina.

O peculiar da vida brasileira parece ter sido uma acentuação singularmente enérgica do afetivo, do irracional, do passional, e uma estagnação ou antes uma atrofia correspondente das qualidades ordenadoras, disciplinadoras, racionalizadoras [...] Uma suavidade dengosa e açucarada invade, desde cedo, todas as esferas da vida colonial (Holanda, 1997, p. 60-61).

Nesse processo, as características da vida rural prevaleceram marcadas pela mentalidade da Casa-Grande que invadiu as cidades, onde as funções mais elevadas cabiam ou estavam sob a influência dos senhores de terras. O traçado das cidades da América Portuguesa era desprovido de criatividade, fundadas sem nenhum planejamento, mas apenas para garantir o povoamento da região através dos portos de embarque, representado por Holanda nas tipologias do sementeiro e do ladrilhador. Como o primeiro, baseava-se numa ação alheia a qualquer diligência e exatidão, isto é, sem rigor e previdência e num significativo abandono que exprime a palavra “desleixo”, distante do segundo, que é a figura do esforço determinado de vencer e retificar a fantasia caprichosa da paisagem agreste, impondo elementos que exprime a direção da vontade. Nessa perspectiva, o país se formava tendo um conjunto de atitudes que confirmava essa tendência de desconsiderar o traçado retilíneo. No campo político, o Estado não passava de uma ampliação do círculo familiar, predominando uma visão patrimonialista, em que os interesses particulares prevaleciam em detrimento da transcendência, da impessoalidade e do caráter abstrato no qual deveria estar revestido, expressos em leis e regras normatizadoras da sociedade. Resultado: a democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido, visto que se tentou implantar em terras estranhas um sistema complexo e acabado de preceitos, sem saber até que ponto se ajustam às nossas condições. “Com essa concepção de mundo, não era fácil aos detentores das posições públicas de responsabilidade, formados por tal ambiente, compreenderem a distinção fundamental entre os domínios do privado e do público” (Holanda, 1997, p. 146). Nas atividades econômicas, os negócios fundavam-se mais nos vínculos pessoais e diretos, nas relações de afeto, de camaradagem e de amizade, comportamentos com nenhuma proximidade com o “espírito capitalista”, conforme diagnosticado por Weber.

É com o conceito de “homem cordial”, todavia, que Holanda identifica o nosso espírito, como ele diz: “é a contribuição brasileira à civilização” - a lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam o nosso caráter. Desse ponto de vista, compreender quais paixões nos mobiliza e que nos leva a fazer determinadas escolhas e construir uma rede de relações, cujo objetivo seria a satisfação de nossos desejos, penso que esse conceito

exerce, ainda hoje, um papel significativo. O autor destaca que ele deve ser tomado no sentido exato e estritamente etimológico e, por isto mesmo, não abrange apenas e obrigatoriamente os sentimentos positivos e de concórdia. A inimizade também pode ser tão *cordial* como a amizade, visto que uma e outra nascem do coração; procedem, assim, da esfera do íntimo, do familiar, do privado.

Como expressões legítimas de um “fundo emotivo extremamente rico e transbordante”, as virtudes cordiais ultrapassam as “boas maneiras”, a civilidade, que tem qualquer coisa de coercitivo, expressa em mandamentos e sentenças. Como forma ordinária de convívio social, a cordialidade

é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que [o homem] sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência. Ela é antes um viver nos outros. Foi a esse tipo que se dirigiu Nietzsche, quando disse: ‘vosso mau amor de vós mesmos vos faz do isolamento um cativo’ (Holanda, 1997, p. 147).

Esse temperamento e essa possibilidade de um convívio mais familiar se manifesta das mais diversas formas, como o desejo de estabelecer uma intimidade com outros povos, o emprego dos diminutivos, no qual o sufixo “inho” procura fazer com que os objetos e pessoas sejam mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-los do coração. À mesma ordem de manifestações pertence certamente a tendência para a omissão do nome de família no tratamento social: em regra é o nome individual, de batismo, que prevalece. A simpatia, a concórdia, o espírito de vizinhança, de parentesco e de amizade seriam evidências de uma conduta que se funda em valores de origem passionais, no sentido de aproximar, de construir uma convivência prazerosa (Holanda, 1997, p.148). Nesse sentido, o espírito do brasileiro, estreitamente ligado ao coração e às paixões, representa-se pelo horror às distâncias em relação ao outro, inclusive na prática religiosa católica, em que os santos são tratados “com uma intimidade quase desrespeitosa”: eles

não aparecem como entes privilegiados e eximidos de qualquer sentimento humano, mas um amigo familiar, doméstico e próximo [...] Nós nos comportamos de modo perfeitamente contrário à atitude entre japoneses, onde o ritualismo invade o terreno da conduta social para dar-lhe mais rigor. No Brasil é precisamente o rigorismo do rito que se afrouxa e se humaniza (Holanda, 1997, p.149).

Nesse aspecto, nos comportaríamos diferentes do processo que Weber viria chamar de desencantamento do mundo, fator preponderante entre os protestantes. Seríamos apegados aos encantos, ao personalismo e ao naturalismo misterioso da existência. Acreditariamos na possibilidade de compromissos que suprimissem as tensões nas relações sociais – na verdade não gostamos de brigas. Há quem diga que somos um povo pacífico.

Considerações finais

É claro que o livro de Holanda contém mais elementos e ideias para a compreensão do nosso *ethos*, da nossa maneira ser, do nosso caráter, mas a inexistência de um “princípio superindividual”, o apego singular aos valores da personalidade configurada pelo recinto doméstico e a conduta baseada numa cordialidade original, denota a singularidade histórico-sociológica brasileira, difícil de não perceber a sua existência e influência atualmente. Esse processo histórico, para além de uma alegoria, se desenvolveu, cabe sempre ressaltar, às custas de um *quantum* de energia passional inegável, cujos personagens principais – índios, colonizadores, negros e imigrantes - manifestaram os seus sentimentos de prazer e outros de dor, isto é, viveram a experiência do *pathos* da satisfação e do *pathos* da resistência e do sacrifício. Esse diagnóstico, a partir das origens do Brasil, fornece as condições para

fazermos o exercício da compreensão - no presente - do *o que estamos fazendo de nós mesmos?* e *o que estamos fazendo com os outros?* Enfim, embora nesses quase oitenta anos que separa *Raízes do Brasil* dos nossos tempos o país tenha vivido importantes transformações, de tal maneira que hoje já podemos falar que experimentamos a influência de outra cultura – a norte-americana - que, formada em outras bases históricas, culturais e morais, cumpre problematizar sobre *quem somos nós?* na atualidade, quem e quais são os nossos caules, galhos, folhas, flores e frutos. Enfim, qual a atualidade de *Raízes do Brasil* e das raízes do Brasil.

Bibliografia

- COELHO, M. F. P. (2000). *Política, ciência e cultura em Max Weber*. Brasília : Ed. UnB.
- COHN, G. (1990) Max Weber e o projeto da modernidade: um debate com Dieter Henrich, Claus Offe e Wolfgang Schluchter In: *Lua Nova*. São Paulo (22).
- HOLANDA, S. B. (1997). *Raízes do Brasil*. São Paulo : Companhia das Letras.
- SAINT-PIERRE, H. L. (1991). *Max Weber: entre a paixão e a razão*. Campinas : Ed. Unicamp, 1991.
- SOUZA, J. (2000). *A atualidade de Max Weber*. Brasília : Editora UnB.
- _____. (1999). *O malandro e o protestante: a tese Weberiana e a singularidade cultural brasileira*. Brasília : Ed. UnB.
- WEBER, M (1967). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo : Pioneira.
- _____. (2004). *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo : Companhia das Letras. Edição de Antônio Flávio Pierucci.